



SEMINÁRIO ORGANIZADO PELO SESC EM SÃO PAULO VAI DISCUTIR O EXCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E SEUS PARADOXAIS IMPACTOS NA MEMÓRIA.



FATOS RECENTES NA HISTÓRIA NACIONAL COMPROVAM ESSE PARADOXO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA. 67% DOS BRASILEIROS ATRIBUEM AO PRESIDENTE LULA A ESTABILIDADE DA ECONOMIA. APENAS 7% RECONHECERAM A ESTABILIDADE COMO UM FEITO DO GOVERNO FERNANDO HENRIQUE.



ESSA APROPRIAÇÃO DAS REALIZAÇÕES DO OUTRO PODE SER ATRIBUÍDA À REPETIÇÃO, PELO PRESIDENTE LULA, DE FALAS COMO: "PELA PRIMEIRA VEZ EM 500 ANOS" OU "NUNCA ANTES NESTE PAÍS".



NA VISÃO DA FILÓSOFA FRANCESA JEANNE MARIE GAGNEBIN, "A AMNÉSIA SOCIAL É REFLEXO DA ESPETACULARIZAÇÃO DA MEMÓRIA".



MEMÓRIA E AMNÉSIA São quatro horas da tarde de domingo. Com as mãos pretas de tinta acabo de folhear e separar matérias e artigos de 12 jornais e três revistas. São centenas de páginas e milhões de palavras que fazem parte do meu ritual de fim-de-semana. Uma via sacra que percorro a cada sete dias em busca dos sintomas e das tendências que marcaram a mídia nacional. Chamou a minha atenção o artigo publicado no caderno de Cultura do Estadão. Com o título "Memória em tempo de Amnésia" a matéria fala dos efeitos do excesso de informação na era da informática. Antes de mergulhar no assunto fico divagando sobre uma questão que me intriga há muito tempo: na era da comunicação nunca se falou, se escreveu e se exibiu tanta informação, mas também nunca tivemos tanta inconsistência nos discursos, tantas inverdades tratadas como fatos e tanta dificuldade de entendimento.

MEMÓRIA E PROPÓSITO POLÍTICO A matéria em questão, assinada pelo jornalista Antônio Gonçalves Filho, fala do seminário internacional que acontecerá em São Paulo nos próximos dias 26, 27 e 28. Promovido pelo Sesc Vila Mariana o evento propõe-se a levantar aspectos da memória relacionados à arquitetura, patrimônio cultural, organização de acervos, arquivos históricos e criação artística. Com a participação de profissionais brasileiros, colombianos e argentinos, o encontro irá discutir o excesso de produção de informação no mundo contemporâneo e seus paradoxais impactos na memória. Gonçalves chama a atenção para o historiador francês Pierre Nora, segundo o qual "(...) à distância entre memória e história é a de um oceano (...) a história, como reconstrução da memória é problemática e incompleta". Para explicar melhor o paradoxo entre memória e história Gonçalves Filho recorre ainda ao historiador americano Patrick Geary, para quem "(...) a memória, coletiva ou histórica, serve sempre a algo ou alguém, propósito político que não pode ser ignorado".

PARADOXO Fatos recentes na história nacional comprovam esse paradoxo entre memória e história. Pesquisa realizada pelo Estado/Ipsos revelou que 67% dos brasileiros atribuem ao presidente Lula a responsabilidade pela estabilidade da economia. Apenas 7% reconheceram a estabilidade como um feito do governo Fernando Henrique. Essa apropriação das realizações do outro pode ser atribuída à repetição propalada aos quatro ventos pelo presidente

Lula, ao reafirmar, em seus discursos, falas como: "pela primeira vez em 500 anos" ou "nunca antes neste país". Oportunistamente, Lula tem trazido para si os grandes feitos da história nacional como se o Brasil tivesse começado com ele.

PLANO REAL Em artigo assinado no Estadão, a jornalista Sueily Caldas nos lembra que "(...) ao chegar ao governo em 2003, o presidente Lula tomou a decisão certa de manter intacta a política macroeconômica concebida por FHC, e hoje colhe os frutos: inflação sob controle, juros em queda, superávit nas contas externas e, sobretudo, ambiente econômico favorável a decisões de investimentos (...) o que fez a diferença e virou a página do ciclo da década perdida dos anos 80 foi o Plano Real em 1994, que derrubou a inflação e estabilizou a economia."

IDÉIAS FIXAS O economista Mailson da Nóbrega, em outro artigo também publicado no Estadão, recorda que "(...) seria, pois, um despropósito admitir que a estabilidade é obra do governo Lula, como pensa a maioria entretida pelo palavreado do presidente, cuja repetição exaustiva de idéias fixas convence os menos informados de que "nunca antes na história deste país" certos eventos aconteceram (...) Lula manteve e melhorou a política econômica do seu antecessor, ainda que esteja criando problemas fiscais para os próximos governos".

FALSOS MONUMENTOS Essas histórias reforçam o argumento do jornalista Antônio Gonçalves. Em seu texto sobre memória e amnésia ele afirma que "(...) se a história e a arqueologia ajudam a dar sentido ao passado, elas também podem ser usadas de forma arbitrária para construir falsos monumentos, catedrais transitórias sobre a areia do tempo". Na visão da filósofa francesa Jeanne Marie Gagnebin, "a amnésia social é reflexo da espetacularização da memória". Finalmente, para entender melhor a questão do conhecimento e da memória é importante estar atento ao que nos recomenda o arquiteto Jorge Wilheim: "mesmo tendo conhecimento não se chega automaticamente à sabedoria (...) estamos submergindo em dados (...) vítimas da falta de tempo para a reflexão e do excesso de informação". Enquanto isso, somos bombardeados diariamente, através da mídia, por um festival de debates políticos que banalizam a vida e nos fazem perder a noção do que é certo ou errado, verdadeiro e falso.